

OS DEZ QUARTOS DA MENTE

Loucura — Excesso

Há uma casa que todos nós habitamos sem nunca tê-la escolhido.

Não tem endereço. Não aparece em nenhum mapa. E, no entanto, a conhecemos melhor do que qualquer lugar onde já tenhamos realmente vivido.

Dentro dela há dez portas.

Algumas abrimos todos os dias sem perceber.

Outras mantemos trancadas, fingindo que não têm nada a ver conosco.

E depois há os cômodos que não construímos nós mesmos, mas que de algum modo carregamos dentro de nós do mesmo jeito.

Isto não é uma teoria.

Não é um manual de psicologia juntando poeira numa estante.

É o relato de um homem que atravessou esses dez cômodos um por um, muitas vezes sem saber onde estava, e que agora, com mais alguns anos sobre os ombros, tenta descrevê-los exatamente como os viveu.

Dez portas.

Eu as abri todas.

Algumas com curiosidade.

Algumas a contragosto.

Algumas só quando já era tarde demais para voltar atrás.

Se esses cômodos parecem familiares, não é porque contam a minha história.

É porque, no fundo, contam também a sua.

Ferdinando



Loucura — Excesso

Gillette Narrative — Nando, o Escriba

gillettenarrative.com

Me chamaram de louco.

Mais de uma vez.

Às vezes porque eu pensava demais.

Às vezes porque eu sentia demais.

E às vezes simplesmente porque eu via as coisas de um ângulo diferente.

Com o tempo percebi que a loucura é, muitas vezes, o rótulo que damos àquilo que não conseguimos classificar.

No entanto, existe uma espécie de loucura que nasce do excesso de sensibilidade.

Do excesso de perguntas.

Da incapacidade de aceitar superfícies sem profundidade.

A loucura é um cômodo onde o pensamento corre mais depressa que a linguagem.

Onde as emoções chegam todas de uma vez.

Onde o coração não consegue fechar as portas.

Quem passa por ela nunca sai igual.

Porque viu alguma coisa.

E o que foi visto não pode deixar de ser visto.

Muitos acreditam que a loucura seja o oposto da inteligência.

Não estou convencido.

Às vezes são parentes próximos.

Às vezes a loucura é a inteligência chegando ao seu limite final.

O ponto em que já não pode ser contida.

Onde enxerga conexões demais.

Significados demais.

Realidade demais ao mesmo tempo.

E, quando isso acontece, a linguagem já não basta.

Resta apenas o gesto — ou o silêncio — como um tradutor imperfeito.

Ferdinando